

# UM OLHAR SOBRE CORPO E MODA EM PSICANÁLISE

Trabalho apresentado como TCC no Curso de Psicologia  
2006

**Lorena Bitar Mesquita de Almeida, Raquel de Souza Gomes da Silva,  
Roberta Cristine Melo dos Santos**  
Licenciadas em Psicologia

**Email:**

[quelsgs@yahoo.com.br](mailto:quelsgs@yahoo.com.br)

---

## RESUMO

O trabalho tem como objetivo geral demonstrar que a forma como o sujeito rende o seu corpo à moda, está inteiramente relacionado ao desejo de ter o olhar do Outro. Como objetivos específicos, estabelecemos situar o fenômeno da moda como discurso, situar historicamente a noção de corpo, definir corpo em psicanálise, relacionar o corpo psicanalítico com a moda e por fim descrever as manipulações corporais através da moda. Entendendo moda como o conjunto de atitudes que o sujeito adota, quer no vestuário, nas técnicas de intervenções cirúrgicas, no fato de fazer um piercing ou se tatuar. Cabe ressaltar que a moda será encarada em sua condição de discurso, fenômeno peculiar aos seres assinalados pela linguagem.

**Palavras-chave:** Corpo, Moda, Psicanálise, Discurso

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O que seria da moda sem as imagens, sem a pulsão escópica. Como poderia subsistir se não fosse através do olhar que é mirado pelo objeto do seu fascínio, olhar capturado na rede insidiosa de um desejo sem nome e sem lugar?

Santaella

Considerando que o corpo humano sempre foi alvo de destaque em todas as sociedades, torna-se importante estudá-lo, na medida em que o sujeito o utiliza de diversas formas, seja para se expressar, demonstrar o que está sentindo, se comunicar e se relacionar com o meio em que está inserido, podendo muitas vezes fazer uso da moda para tais realizações.

Assim, abordaremos a questão do corpo relacionando com a moda em uma visão psicanalítica, uma vez que iremos relacioná-la com importantes conceitos, tais como narcisismo, identificação e complexo de Édipo. A moda “adquire hoje o sentido de uma estratégia corporal na busca de mais expressão, propiciando movimentos de simulação e dissimulação, aumentando o poder de afetar e ser afetado.” (BAUDRILLARD, apud SANTAELLA, 2002, p.118). Para tanto, faremos inicialmente um esboço sobre o corpo como estrutura biológica, com intuito de posteriormente tratarmos o corpo pelo viés psicanalítico.

Segundo Mac Fadden (2000) até o século XIX, a medicina, com seus estudos sobre anatomia e fisiologia, atribuía aos fenômenos ocorridos no corpo como sendo ocasionados por uma disfunção biológica, ou seja, o corpo era visto como uma estrutura física que manifestava os comprometimentos orgânicos através dos sintomas.

Porém, nessa mesma época, Charcot passou a utilizar a técnica da hipnose com intuito de descrever e classificar a histeria, que era uma doença que se manifestava no corpo, mas que a medicina não conseguia explicar, todavia, Charcot atribuía a causa da histeria à hereditariedade. É nesse contexto, onde os pensamentos estavam voltados para a questão organicista, que Freud parte para Paris à procura de Charcot com o objetivo de entender mais sobre os sintomas histéricos. A partir do contato direto com a clínica de Charcot, Freud teve acesso à escuta das histéricas, firmando assim, a idéia de que as manifestações eram ocasionadas por conflitos psíquicos inconscientes e não tinham um caráter biológico, como Charcot acreditava.

A psicanálise, a partir das descobertas de Freud sobre a histeria, nos aponta um corpo que não apenas sofre dores e prazeres, mas que fala dessas dores e prazeres, corpo este, dito pulsional, ocupado em satisfazer não apenas necessidades fisiológicas, mas obter prazer através do toque, do olhar e do desejo. Entender mais sobre esse corpo simbólico, pertencente à ordem

da linguagem, será fundamental para a Constituição da subjetividade, na medida em que o ser humano para ser reconhecido, precisará de um Outro desejante, que através do seu discurso irá nomeá-lo, determinar seu lugar e caracterizá-lo como tal.

E foi isso que fez com que despertasse em nós um interesse, além de um desejo inicial de pesquisar sobre a histeria em Psicanálise. E nesse contexto, questionamentos surgiram sobre de que forma poderíamos nos remeter a esse corpo que tanto precisa do olhar do Outro. Por isso acreditamos ser importante falar sobre a moda, que tomando por base a teoria psicanalítica, poderíamos relacioná-la com o narcisismo, o qual seria um fascínio por si mesmo, posto que as pessoas a utilizam muitas vezes, com o intuito de serem olhadas, desejadas e admiradas. A relação do corpo com a moda não se restringe apenas à utilização de um vestido, uma calça ou um sapato, mas por trás dessas atitudes, está nossa identidade, estão nossos mistérios e propósitos e que, portanto, estão necessariamente relacionados à nossa história de vida e ao nosso desejo inconsciente. Portanto, neste trabalho iremos dar ênfase ao discurso da moda, ressaltando que não nos deteremos à moda do vestuário, e falaremos também das manipulações corporais que o sujeito se submete, tais como *piercings*, tatuagens, cirurgias plásticas. Então lançamos a seguinte problemática: Qual a relação existente entre o olhar do Outro e a maneira como o sujeito submete seu corpo à moda?

A partir desse pressuposto de que o sujeito vive em uma busca incessante de seguir esses modelos estipulados pela moda, e utiliza o seu corpo como veículo para tal realização, acreditamos ser relevante socialmente falar sobre corpo e moda. E adotando o enfoque psicanalítico, consideramos relevante cientificamente, abordar tal tema, na medida em que há escassez de material sistematizado sobre o mesmo, podendo ser de grande utilidade para estudantes e profissionais de psicologia e outras áreas que venham se interessar pelo assunto.

Então, analisando a relação existente entre o olhar do Outro e a maneira como o sujeito submete seu corpo à moda, estabelecemos alguns objetivos específicos para tentar responder a seguinte problemática: situar o fenômeno da moda como discurso, situar historicamente a noção de corpo, definir corpo em psicanálise, relacionar o corpo psicanalítico com a moda e por fim descrever as manipulações corporais através da moda.

## **2. “NÃO EXISTE MODA PARA OS SERES QUE NÃO ESTÃO MARCADOS PELA LINGUAGEM”<sup>i</sup>.**

(...) O homem nasce vestido,  
vestido por linguagem.

Mendes Dias.

Adotar a moda como discurso, nos faz encará-la como uma atividade exclusiva para os seres marcados pela linguagem. Os animais são seres que não possuem linguagem, porém seus donos sim, e encarregam-se de se preocupar por eles em relação à moda, e como os mesmos deverão se apresentar diante do Outro, enfeitando-os com roupinhas, laçinhos, enfim, os mais variados tipos de acessórios. Portanto, neste trabalho nosso interesse será o de focá-la como uma “organização da comunicação, sobretudo da linguagem e que regula as formas do vínculo social” (CHEMAMA, 1995, p. 47).

Segundo Fontinha ([19--], p. 597), a palavra discurso é originária do Latim e pode ser definida como “oração com que alguém expõe em público as suas idéias; exposição falada ou escrita”. Para o mesmo autor, a palavra moda é de origem francesa (*mode*) e significa “o uso geralmente seguido no vestuário, nas maneiras, nos gestos, nos hábitos, nos exercícios físicos; maneira; costume” (p.1794).

A moda é um fenômeno global e efêmero que perpassa por todos os âmbitos sociais, estando presente nas ruas, na mídia, nas indústrias, movendo-se em cada época, em cada lugar e marcando períodos, principalmente no que se refere ao vestuário.

Mas será que a moda sempre existiu? Será que pelo fato das pessoas já terem suas roupas diferenciadas, mesmo que por classes, a moda sempre esteve presente em todas as épocas e culturas?

De acordo com Lipovetsky (2004) a moda teve sua fase inaugural no início do século XIV, a partir das transformações sociais da época. Os trajes mais sofisticados e adereços mais deslumbrantes eram reservados apenas para a nobreza, e com o desenvolvimento dos comércios surgia uma nova classe, a burguesia, que na busca de um reconhecimento passou a trajar-se como os nobres. Estes por sua vez, que sempre tiveram a tradição de seguir os mesmos trajes que seus ancestrais, viram-se obrigados a inovar, e com o intuito de distinguir-se, acabaram por modificar por completo sua aparência. E é assim que a moda surge, em um contexto de criar algo inédito, nesse duplo movimento de imitação e distinção. Deve-se pensar a moda então sobre a ótica de duas lógicas: a do efêmero e o da fantasia estética.

Com o surgimento da moda, a partir de um vestuário diferenciado, o sujeito pôde ter a liberdade de escolha, por aquilo que o agrada, podendo agora ter um posicionamento crítico com relação a ele e ao outro. A moda então está relacionada com o prazer de olhar e também de ser olhado, e como enfatiza Lipovetsky (2004, p. 39):

A moda não permitiu unicamente exibir um vínculo de posição, de classe, de nação, mas foi um vetor de individualização narcísica, um instrumento de alargamento do culto estético do Eu, e isso no próprio coração de uma era aristocrática.

E foi nessa busca interminável de destaque que a nobreza caminhou, na medida em que o que ela queria era apenas proteger a sua posição de única, de soberana, porém, a burguesia acabava por incomodá-la com a sua imitação. E nesse sentido a comercialização dos trajes se tornou insuficiente perto do crescimento da procura, **havendo assim** uma necessidade para aumentar a produção.

De acordo com Santaella (2004) foi com a Revolução Industrial que a moda se tornou mais acessível a toda sociedade, visto que na busca de obtenção de lucros, houve um aumento na produção seriada do mesmo produto, para acompanhar o novo modelo econômico que nascia: o capitalismo. Com o aparecimento das galerias, propagandas de jornais e revistas, as pessoas passaram a ser instigadas a consumir cada vez mais, sendo submetidas de diversas formas aos padrões ditados pela moda, tornando-se “escravas” da mesma, e acabando por esquecer dos seus próprios desejos conscientes.

Além de traçar um breve histórico sobre o surgimento da moda, consideramos importante incluí-la em sua condição de discurso, no sentido de que ela prega as diversas posições que o sujeito deve ter, que com o seu estilo, e a sua forma de vestir, assume uma identidade que pode não se mostrar fixa, e sim passível de mudanças (DIAS, 1997). Assim, se muda o discurso de como deve ser o corpo, muda o discurso da moda, e conseqüentemente muda também a posição do sujeito diante da sociedade. Esse sujeito da moda, não consegue ter acesso ao seu desejo, no sentido que ele está o tempo inteiro sendo bombardeado por informações da mídia, da publicidade, ou seja, ele não escuta o seu inconsciente.

Vemos atualmente pessoas que para se adequar a esses padrões, acabam “mutilando” seu próprio corpo, através de *piercings*, tatuagens e cirurgias plásticas. Não podemos esquecer também daquelas que se sacrificam utilizando roupas com materiais que não estão de acordo com o clima da sua cidade, por exemplo. Vemos também a influência da TV, que é algo que está presente em nossas vidas com um fácil acesso e que possui a capacidade de tomar conta do imaginário das pessoas. O que é transmitido é o desejo do Outro, que com sua opinião, o sujeito passa a seguir, imaginando que assim poderá ser valorizado. E como diz Kehl (2004), a mídia acaba por tomar conta da subjetividade de cada um, impondo uma “subjetividade industrializada”, imaginariamente programada para ser seguida por todos.

Podemos pensar na mídia, na publicidade como referência, visto que elas tornaram-se parte de nossas vidas, do nosso cotidiano. Diante disso, Kehl (2004) afirma ainda que “a publicidade vende sonhos, idéias, atitudes e valores para a sociedade inteira”. Somos monopolizados por ela,

que atualmente valoriza e acima de tudo, dita o belo. Um importante exemplo disso nos é dado através do extremo exibicionismo das pessoas que participam dos chamados “*reality shows*”, que desejam ser olhadas, como se estivessem o tempo inteiro mostrando seus corpos, suas imagens para os que assistem. E isso acontece não só na televisão, mas também através de *outdoors* e revistas. Além disso, hoje já vivemos na era da comunicação virtual, onde milhares de pessoas passam horas de seus dias diante de um computador. São sujeitos que falam de suas qualidades, de seus corpos sarados, e que muitas vezes nem existem. Estão a todo instante num processo em que um alimenta o imaginário do outro, criam fetiches e fantasias em função dessas tão presentes tendências corporais. É o poder do corpo, atuando nas mais diferentes situações e nas mais diversas formas de comunicação.

Quando nos remetemos à questão do discurso, parece ser relevante citar o conto “A roupa nova do rei”<sup>1</sup>, o qual é uma história de um rei que era muito vaidoso, que nem ao menos se preocupava com os problemas do seu povo. Ao ouvir rumores que havia costureiros novos na cidade, que faziam roupas que só as pessoas inteligentes podiam enxergar, interessou-se e mandou chamá-los imediatamente. Pensava, a partir disso, poder escolher só pessoas competentes para trabalhar ao seu lado e aqueles que não enxergassem a roupa, ou seja, os burros, o rei tinha planos de demitir. Os falsos costureiros fizeram o mesmo gastar fortunas com o traje e ainda assim sair de casa apenas de camiseta e ceroulas. É claro que ninguém via a roupa, mas todas as pessoas tiveram medo de falar a verdade e acharam melhor fingir vê-la com receio de serem considerados burros, até que uma criança manifestou-se: “o rei esqueceu de pôr a roupa”. E foi assim que o rei e todas as outras pessoas puderam perceber que estavam sendo enganadas e que se deixaram levar pela opinião alheia.

Com a moda é assim, ela nos influencia, através de seu discurso, nos mostrando o que deve e o que não deve ser usado. Ela dita tendências a serem seguidas de acordo com o que os desfiles, as revistas, a televisão, enfim, o que a mídia nos impõe.

Podemos também nos remeter a uma questão muito atual, ao relacionarmos o conto da roupa mágica com o que vemos nos dias de hoje, a vestimenta com o objetivo de despír sendo maior até mesmo do que o de vestir: os corpos estão à mostra. E como complementa Dias (1997, p. 89) “a roupa mágica é uma das formas de contar a fascinação do olhar humano de, quando diante da ausência, afirma uma presença”.

---

<sup>1</sup> Conto retirado do livro *Moda Divina Decadência* de Mauro Mendes Dias.

### 3 . HISTÓRICO DO CULTO AO CORPO

Por que é que o vosso coração ainda hesita?

O tempo passa, a vida é breve e é vã.

Por isso amai-me enquanto sois bonita.

P. Ronsard

Para traçar um esboço sobre o histórico do corpo, é importante reunir alguns conceitos sobre esse termo. Segundo Ferreira (1986, p. 482), corpo é “a parte material, animal, ou a carne, do ser humano por oposição à alma, ao espírito”. E ainda de acordo com Fontinha ([19--], p. 487), é “tudo aquilo que, sendo impenetrável e limitado em extensão produz nos nossos sentidos uma impressão que resulta dos seus próprios atributos”.

E nesse contexto, poderíamos então citar momentos históricos, e mostrar como houve mudanças na noção de corpo, que é aí que a moda vai estar relacionada com o corpo, haja vista que nem sempre o que era aceito pela sociedade eram corpos magros, esbeltos como os das modelos e manequins que estampam as revistas atualmente, muito menos corpos malhados e definidos como é apresentado na mídia e academias. Percebe-se uma grande virada no discurso, no sentido de que as mudanças que aconteceram na noção de corpo foram oriundas das mudanças no discurso.

Para o cristianismo, o corpo sempre teve uma característica de fé; é o corpo crucificado, glorificado e que é comungado por todos os cristãos. E como diz o Evangelho de São João, “O verbo se fez carne e habitou entre nós.” Nesta religião, o homem possui eminentemente uma função de amar, e para que isso seja efetivado, existe a necessidade de um corpo, que sirva como suporte para esse amor. Em contrapartida, existe o budismo, onde o que se busca, é o desligamento do mundo, e em consequência disso, do corpo também. (GÓES, 2003)

Percebe-se que na antiguidade, principalmente nos dois primeiros séculos, havia uma preocupação muito grande com o cuidar de si mesmo, sendo que a atenção era voltada para a saúde do corpo e da alma. Para os gregos cada idade tinha a sua própria beleza e a juventude tinha a posse de um corpo capaz de resistir a todas as formas de competição, seja na pista de corridas ou na força física. O estético, o físico, o intelecto faziam parte de sua busca para a perfeição, sendo que o belo corpo era tão importante quanto uma mente brilhante. A concepção que se tinha de beleza era tão forte que aquilo considerado como belo era visto como natural, e o que era feio antinatural (LESSA,2003).

Segundo Foucault (1985), nos séculos I e II, os filósofos daquela época enfatizavam a necessidade dos indivíduos terem cuidado consigo mesmo, pois era dessa forma que alcançariam



uma vida plena. Eles acreditavam que o zelo deveria ser tanto com o corpo quanto com a alma, sendo que para evitar os distúrbios, eram recomendados a leitura, as meditações, e regimes rigorosos com atividades físicas e dietas. Ressalta ainda, que esse cuidar de si provocou no mundo helenístico e romano um certo individualismo, no sentido de que as pessoas valorizavam as regras de condutas pessoais e voltavam-se para os próprios interesses, tornando-se menos dependentes uns dos outros e mais subordinadas a si mesmas. Instaura-se, então o que Foucault chama de ‘cultura de si’.

De acordo com Foucault, Sócrates traz em sua filosofia esse princípio do cuidado consigo, dizendo que o necessário aos jovens era saber se governar, antes de dar-lhes conselhos ou querer entrar em rivalidade com os reis de Esparta, e isso implicaria em “ocupar-se de si próprio” (FOUCAULT, 1985, p. 50). Segundo Kehl (2004) essa preocupação com o cuidar de si no período greco romano tinha uma função social, visto que o culto e a preocupação com o corpo e com a mente estavam relacionados com a responsabilidade dos homens em relação à pólis.

Villaça e Góes (1998) atentam para o fato de que a noção de corpo está inteiramente relacionada aos padrões de cada época e que para compreender essa construção do corpo deve-se ir além do entendimento sobre o seu desenvolvimento físico e atrelar à um sistema de valores provenientes da cultura grega, e que foram repassados para a Europa Ocidental.

Um outro enfoque dado na antiguidade é referente à valorização do belo nas mulheres no qual podemos tomar como exemplo as egípcias, em especial Cleópatra, que com sua beleza seduziu Júlio César, tornando-se eternamente lembrada. (ASSUMPCÃO JR, 2004)

Já na Idade Média, Assumpção Jr (2004) diz que o valor atribuído não era mais o da beleza e sim o da pureza, o da mulher virgem e delicada, visto que, esse momento é marcado pela dicotomia entre a mulher-mãe, representada por Eva e a mulher-amante, representada por Lilith<sup>2</sup>.

Se percorrermos pela história, veremos que tornou-se uma constante valorizar a estética do corpo humano, sendo este tido como objeto de extremo cuidado e fascínio. Subentendido a esse fato, está a relação da boa aparência com a ausência de defeitos, ou seja, a busca pela perfeição. Aristóteles quando se refere a esse pensamento, fala que os seres vivos tendem a evoluir de um estado primitivo, a um estado cada vez mais perfeito. Ele exemplifica relatando que a árvore é oriunda de uma semente, assim como o adulto provém do embrião (VILLAÇA e GÓES, 1998).

Relacionado a essa questão da perfeição, tais autores relatam que essa supervalorização corporal relacionada ao desenvolvimento muscular masculino, passou a fazer parte da cultura americana no período de 1870 e 1880. Foi o instante em que,

---

<sup>2</sup> Lilith foi criada por Deus, para ser a primeira mulher de Adão. Ela é vista como uma prostituta rebelde, pelo fato de não ter aceitado ser submissa à Adão.



A nudez em exposição encontrava já nos heróis gregos e romanos seu álibi e era aceita pela moral puritana pela força e vigor musculares. Um corpo de homem, se fosse musculoso, não estava jamais verdadeiramente nu (VILLAÇA e GÓES, 1998, p. 60).

Introduz-se nesse momento o termo *body building*, que designa a idéia de corpos malhados, musculosos alcançados através do uso de pesos e máquinas, estando atrelada à filosofia de saúde e força. Essa moda ficou tão presente até a Primeira Guerra Mundial que inaugurou um ideal de perfeição.

Em um outro momento, já no século XX, vê-se liberdade de pensamentos invadindo a América, com o uso de álcool, consumo de cigarros por parte das mulheres e banalização de discussões sobre a sexualidade, demonstrando mentes com pensamentos de “carpe diem”, ou seja, aproveitar a vida. Viu-se também, por volta dos anos 40, a busca da perfeição corporal sendo encarada como um esporte com o reaparecimento do concurso Mister América. (VILLAÇA e GÓES, 1998).

É nesse contexto que podemos pensar no fato de que geralmente a “moda” é iniciada em países desenvolvidos, como é o caso dos Estados Unidos, e repassada pelo mundo todo, atingindo os países subdesenvolvidos. E isso se constata desde o surgimento da moda. É interessante ver como as pessoas se comportam diante da moda, e como ela já foi introjetada nas pessoas, pois as mesmas acabam copiando a maneira de se trajar dos países totalmente diferentes dos seus, como um exemplo disso, podemos citar as orientais, que tentam se diversificar tanto, que acabam deixando de lado seus trajes típicos. Estas por sua vez, são de estatura baixa, mas tendem a usar plataformas enormes, possuem como característica mais marcante os olhos puxados, mas fazem operações plásticas para arredondá-los, e são possuidoras também de cabelos negros e lisos, mas buscam o diferencial com as tintas coloridas e técnicas para cacheá-los.

#### **4. O CORPO DES (COBERTO) PELA PALAVRA**

O corpo (...) se tornou um sintoma da cultura, isto é, o corpo virou uma ancoragem entre o gozo e os imperativos da vida em sociedade.

Santaella.

Se levarmos em consideração as acepções do senso-comum sobre o corpo, nos limitaremos à apenas descrevê-lo como algo físico, concreto, o qual podemos tocar, e sentir, e que nos serve como suporte para realização de nossas necessidades.

Porém, o que irá nos interessar nessa pesquisa será a questão do corpo ligado à linguagem, e assim, a psicanálise veio a dar uma outra conotação sobre o corpo, concebendo dessa forma dois estatutos: o corpo falante e o corpo sexual.

Nota-se a importância da linguagem para a constituição do sujeito, posto que as partes do corpo e suas manifestações, não são vistas pela psicanálise de uma maneira tão simples como o senso-comum as percebe, mas para Levin (1991) é a significação que é determinada pelo desejo do Outro, que irá transformá-lo em um corpo pulsional.

Porém, antes de nos determos no corpo psicanalítico, faz-se necessário que pontuemos a diferença entre necessidade e desejo. Lacan ao utilizar o termo necessidade se refere à questão fisiológica, que estaria intimamente ligado à sobrevivência, uma exigência consciente do sujeito, como a fome e a sede, por exemplo. Já o desejo está relacionado a um impulso psíquico ligado às fantasias, sendo sempre inconsciente e que pode vir a se tornar consciente, o que por sua vez, será a base da constituição do sujeito. (KAUFMANN, 2001)

Partiremos do conceito de pulsão, fundamento teórico que nos permite distinguir corpo biológico de corpo erógeno, sexual.

Freud ao escrever o artigo “Pulsões e suas vicissitudes” em 1915 (1980), utilizou o termo *Trieb* para se referir à pulsão, porém, a tradução inglesa veio trazer certa confusão para o entendimento do seu verdadeiro significado, pois o tradutor utilizou o termo *instinkt*. E para ele, a pulsão está relacionada a uma obtenção de prazer além da satisfação fisiológica, diferentemente do instinto.

Freud no texto “Pulsões e suas vicissitudes” produzido em 1915 (1980, p. 127) diz que a pulsão seria “um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em conseqüência de sua ligação com o corpo”, desta forma a pulsão seria a força que movimenta o ser humano. E de acordo com Laplanche e Pontalis (2001) Freud define essas forças como sendo quatro, primeiramente a fonte, o impulso, o objeto e objetivo, e estas por sua vez irão determinar a natureza da pulsão, que será sempre parcial.

Freud, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” escrito em 1905, (1980) começa a observar a relação das pulsões com a sexualidade a partir de sua escuta com as pacientes histéricas, na medida em que, seu discurso sempre trazia um aspecto sexual. Freud acreditava que suas pacientes haviam sido seduzidas por um adulto quando criança, sendo considerado como

“trauma sexual infantil”, mas logo descobriu que o que ocorria era apenas uma fantasia sexual, determinando assim, que a forma de encarar a sexualidade é sempre traumática.

Na primeira teoria das Pulsões formulada em 1915, (Pulsões e suas vicissitudes, 1980) Freud fala de uma dualidade: pulsões de autoconservação e pulsões sexuais. E posteriormente, em “Além do princípio do prazer” produzido em 1920 (1980), no que pode ser entendido como a segunda teoria, reuniu tais pulsões, definindo-as como pulsão de vida, e em oposição a ela, definiu um outro tipo de pulsão que seria a de morte a qual estaria relacionada à busca pela eliminação total das tensões, a fim de atingir uma satisfação absoluta, na tentativa de voltar ao estado inorgânico.

Desta forma, a pulsão seria o que irá nos motivar a funcionar no meio em que estamos inseridos, a força que nos rege, mas para tanto, precisamos de um suporte para isso, o qual viria a ser o corpo humano.

Para Nasio (1993) Lacan concebe o corpo como falante, não porque ele fala como poderíamos pensar ao pé da letra, mas sim, porque ele só existe se for atravessado pela ordem do simbólico, ou seja, das palavras, posto que, só há existência de um corpo na medida em que alguém se certifica dessa existência e passa a falar sobre o mesmo, isto quer dizer, ele é composto por elementos significantes. Concebeu também o corpo como sexual, pois o mesmo é o lugar onde ocorre o gozo, o qual seria a elevação máxima de tensão, diferentemente de prazer. Ele passa a ser erogeneizado pela linguagem, tornando-se um corpo do desejo. O corpo imaginário, é um corpo imagem, devido ao fato de que na sua constituição foi preciso que o sujeito percebesse primeiramente a sua imagem refletida no espelho. É a imagem que vem do externo, do Outro, e causa algo no sujeito, desperta um sentido. Já o corpo real é sinônimo de gozo na medida em que é anterior a qualquer simbolização, anterior a palavra.

Lacan veio tratar do objeto *a* como causa do desejo, devido à falta estabelecida desde o seu nascimento, representados pelo seio, as fezes, o olhar e a voz, os quais são traços marcados no psiquismo do sujeito (COUTINHO JORGE, 2002). Tais traços são encarados na forma de signo, e podem ser definidos, segundo Mieli (2002, p.14),

Como o termo simbólico primordial que confirma e estabiliza a imagem especular, permitindo a satisfação narcísica ligada ao eu ideal. Sua inscrição é a condição dessa satisfação (...). O traço fixa no corpo sua imagem.

Para tal autora (2002), é o mapeamento erógeno que faz o corpo ter a certeza de uma presença, e ganhar uma permanência narcísica, sedimentando então o traço que desenha a sua forma. O corpo toma para si a imagem da forma do Outro, e ao mesmo tempo em que essa imagem do Outro é objeto de identificação, ela demonstra em sua formação, uma certa

instabilidade. Esse processo de oscilação faz com que o sujeito busque sempre uma imagem que confirme a sua forma.

#### 4.1 – Narciso e Édipo no espelho da Identificação

Freud em “Sobre o narcisismo uma introdução” produzido em 1914 adere o termo narcisismo, utilizado anteriormente por Paul Nacke em 1899, ao qual seria amar seu próprio corpo como se ama os objetos externos de cunho sexual, no sentido de que, busca através dele a obtenção de prazer. No entanto, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” escrito em 1905 acrescentou uma nota de rodapé alertando para quem introduziu esse termo antes: Havelock Ellis, sendo posteriormente corrigido pelo próprio, ao afirmar que ambos (Näcke e Ellis) tinham citado esse termo, porém, com sentidos diferentes, onde o primeiro em 1898 se referia à perversão sexual, e o segundo em 1899, uma atitude psicológica, sendo que o psiquiatra Paul Näcke foi o pioneiro à aplicar esse termo no campo clínico (VIOLANTE, 2004).

Freud em “sobre Narcisismo: uma introdução” produzido em 1914 (1980), passou a se interessar pela concepção de um narcisismo primário quando começou a incluir a questão da esquizofrenia em sua teoria da libido, posto que, o sujeito com esta patologia apresenta como característica o desvio de interesse pelo mundo e a megalomania. Desta forma, tal sujeito retira a energia que normalmente investiríamos no mundo externo e não as substitui por outras fantasias, pois tem seu investimento voltado apenas para si. No entanto, caso o sujeito consiga, recuperar a libido e desdobrar esse investimento de volta aos objetos, o processo passa a ser denominado como secundário. O sujeito, ao retirar essa libido e dirigi-la à ele mesmo, estará fazendo o que Freud veio a chamar de narcisismo.

Neste contexto Nasio (1989, p. 49) complementa quando diz que:

O Narcisismo primário representa, de certa forma, uma espécie de onipotência que se cria no encontro entre o narcisismo nascente do bebê e o narcisismo renascente dos pais. Nesse espaço viriam inscrever-se as imagens e as palavras dos pais.

Ainda em relação ao Narcisismo, Freud fala que sua característica é que o sujeito, primeiramente tem a si próprio como objeto de amor para posteriormente poder investir e conquistar outros objetos. (HORNSTEIN, 1989). A partir disso, o sujeito ao investir nos objetos estará sempre em uma busca de ter o retorno para si, e isso perpassará por toda a sua vida. E nesse sentido, é importante dentro do que foi exposto até o momento, nos remetermos ao tema

proposto, visto que, as pessoas investem em si seguindo os padrões da moda na busca pelo investimento do Outro.

Freud afirma em seu texto “Três ensaios sobre a sexualidade” escrito em 1905 que o olhar é um prolongamento do tato, então, a satisfação que está ligada ao olhar, é a de que o sujeito imagina que ao olhar o objeto ele está tocando o mesmo( COUTINHO JORGE, 2002).

Para Santaella (2002), existe um ideal narcísico criado pela sociedade. As pessoas amam, cuidam e investem em si mesma por uma espécie de imposição que age no inconsciente fazendo com que se tornem submissas a este ideal.

Baudrillard ( apud SANTAELLA 2002 p.129 ) afirma que:

Em lugar do corpo pulsional, assombrado pelo desejo, pululam, por todos os lados, esses corpos semi-urgidos, estruturalizados, teatralizados na falsa nudez, funcionalizados pela sedução programática e pela sexualidade operacional.

Tomando como base a escolha narcísica do sujeito em relação aos objetos externos, torna-se imprescindível explicar a teoria da identificação visto que, “é a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa.”(Freud, 1921, p.133).

Freud em seu texto “Psicologia de grupo e análise do Eu” (1921) define a identificação como sendo uma relação inconsciente entre o eu e o objeto, no qual o indivíduo buscará uma incorporação do mesmo, almejando ter o próprio objeto de desejo. E tendo como referência Laplanche & Pontalis (1991), pode-se dizer que inicialmente há uma relação entre a mãe e bebê e que a partir do momento que o bebê percebe que ele não é o único objeto de investimento da mãe, passa a se identificar com a mesma, com o intuito de incorporá-la e tê-la para si.

Essa identificação primária dará início ao Complexo de Édipo que:

Designa o conjunto das relações que a criança estabelece com as figuras parentais e que constituem uma rede em grande parte inconsciente de representações e de afetos entre os dois pólos de suas formas positiva e negativa. (KAUFMANN, 1996, p.135)

O Complexo de Édipo culmina na entrada de um terceiro, no caso o pai, na relação simbiótica anteriormente estabelecida da criança com a mãe. A partir disso, o sujeito deverá renunciar o objeto amado, e assim gradativamente estará se preparando para assumir seu papel social, dando abertura para poder fazer outras escolhas fora do seu laço parental. (FREUD, 1924)

Nesse contexto, da sua entrada no social, o sujeito estará internalizando as regras impostas pelo meio, e em contrapartida, terá outras regras já estabelecidas por seus pais. Assim, torna-se pertinente nos remetermos ao que ocorre com o fenômeno da moda, no sentido de que o sujeito estará sempre fazendo um retorno do Édipo ao Narcisismo, do social ao íntimo.

#### **4.2 – Do despedaçamento à Constituição**

Em “O Eu e Id” (1923), Freud irá tratar da formação do Eu, destacando assim que inicialmente o eu é corporal, pois é no corpo que surgem as primeiras sensações tanto internas quanto externas, na medida em que o eu seria uma parte do Id (inconsciente) que foi modificada em virtude das influências recebidas pelo sistema perceptível. O Eu irá tentar transmitir para o Id toda essa influência oriunda de fora, e assim, tentará também mudar o funcionamento do Id, que é pelo princípio do prazer, substituindo pelo princípio da realidade.

Costa (2004) complementa que o eu se forma a partir de três momentos relacionados às manifestações que ocorrem no corpo. Um deles está inteiramente ligado à questão do Narcisismo e se desvela quando o eu se reconhece como detentor de uma imagem corporal, e vê o Outro desejante, encarnado pelos pais, adultos significativos e figuras culturais ideais, sempre atrelado à esta imagem idealizada de completude, tanto física quanto emocional e moral. Esse investimento do Outro, fará com que o sujeito utilize a imagem corporal idealizada com o intuito de manter o desejo do Outro por si mesmo. Como ressalta Costa (2004, p. 73) “o eu, pelo resto da vida, tenderá a fazer da imagem corporal a moeda de troca na transação com o outro idealizado”.

O bebê ao nascer percebe sua mãe como um prolongamento de si mesmo, no sentido de que ele é movido primeiramente por uma necessidade fisiológica, e é ela quem estará realizando as suas necessidades, saciando assim, no ato de mamar a tensão inicial que é a da fome, e conseqüentemente proporcionando um prazer. Neste ato, a mãe irá acolher o bebê, transmitindo um afeto na forma de pegá-lo e olhá-lo, propiciando ao mesmo um outro tipo de prazer, tanto nessa forma que a mãe o acolhe, quanto nos movimentos ritmados do ato de mamar. No instante em que esse prazer é finalizado, o bebê então sente-se desamparado e necessita sentir esse prazer outra vez. E é nesse momento que se instaura o desejo, na falta de um objeto que iria eliminar sua tensão. (GARCIA-ROZA, 2001)

No entanto, o sujeito percebe que suas necessidades não podem ser totalmente realizáveis, tendo então um outro tipo de sensação além do prazer, que é o da frustração. Deste modo, é importante que o mesmo adquira autonomia suficiente, a partir da sua maturação biológica e da sua constituição como um ser único, separado de sua mãe.

No que se refere à Constituição do sujeito, Violante (1994) destaca a importância do desejo da mãe sobre o bebê, considerando que a primeira imagem que o bebê tem de si, será a partir do olhar da mãe, no qual a criança registra no seu psiquismo a forma como ela será cuidada podendo ser prazerosa ou não. Na medida em que o bebê é inserido no campo do desejo, tornando-se agora um ser desejante, faz-se necessário uma separação entre o seu corpo e o corpo materno, para que a partir de então ele possa se perceber como um sujeito único e constituir-se como tal.

A Constituição do sujeito pré-existe ao seu nascimento, posto que, os pais já imaginam como esse bebê será seu corpo, sua fisionomia, qual será sua profissão, seus gostos, e ainda mais, pensam em um nome, que marcará sua identidade. Assim, o corpo já é “feito” antes mesmo de existir concretamente um ser, pois já há desejos, expectativas, criações, um lugar que o espera, enfim, nesse desejo de ter filho já começa o futuro do sujeito. (LEVIN, 1995). Como complementa Cabas (1980 apud LEVIN, 1995, p. 51):

Falar do corpo significa, então, falar da existência de dois âmbitos simultâneos, de duas realidades que se superpõem, sendo que a primeira (a anatômica) é limite de possibilidade e de significação da segunda (a erógena), e esta, por sua vez, é a que outorga a dimensão de sentido da primeira. Por isso é que o corpo é a palavra, mas também letra, é fonologia, mas também tatuagem, desejo, mas também pulsão e fonte.

Lacan, com seu artigo produzido em 1936 “O estádio do espelho como formador da função do Eu”, em Os Escritos (1998), demonstra que o bebê, entre 6 e 18 meses passa por uma etapa de reconhecimento de sua imagem no espelho, antes mesmo de adquirir sua dependência motora, reagindo assim com intenso júbilo ao se ver como um ser único. Nessa fase, o *infans* é dependente de um Outro, pois, ainda não se separou totalmente de sua mãe, e dessa forma, ter essa idéia de reconhecimento como um ser único irá produzir uma ilusão de domínio, deixando-a radiante. Essa imagem unificada do próprio corpo é denominada de eu ideal. Porém, o *infans* para se reconhecer de fato necessita que alguém através da palavra, como mediação o apresente para aquela imagem que tanto o surpreende, e expressa a posição do sujeito como objeto em relação ao desejo do Outro, que seria o Ideal do Eu.

Salducci (apud Coutinho Jorge, 2001, p. 45) complementa:

Para que a criança possa se apropriar dessa imagem, para que possa interiorizá-la, necessita que tenha um lugar no grande Outro (no caso, encarnado pela mãe).



A mãe então, neste momento de investimento sobre o bebê, tanto na realização das suas necessidades básicas, quanto no carinho, atenção, no seu olhar desejante, irá criar no mesmo o que Freud veio a chamar de narcisismo.

## 5. TEORIZANDO SOBRE CORPO E MODA EM PSICANÁLISE

Nosso desejo é o de fazer o outro nos desejar, e  
nossa satisfação consiste em alcançar, na  
realidade ou na imaginação, o que antecipamos  
de forma imaginária.

Freire Costa.

Falar de corpo para a psicanálise é falar de Pulsão, de Narcisismo, de Identificação, de Complexo de Édipo, de um desejo de ser olhado pelo Outro, considerando que as pessoas, a partir das manipulações corporais, podem estar buscando provocar nesse Outro os mais diversos tipos de reações. E é nesse cenário que a moda se insere, acompanhando o sujeito na realização de tais manipulações.

Vivemos em uma época em que as pessoas prezam pela sua liberdade, em busca de autonomia e independência. Porém, quando falamos de moda, tais objetivos acabam tornado-se contraditórios, visto que ocorre sim, uma alienação, uma espécie de submissão aos encantos que a imagem e este tão desejado olhar do outro nos proporciona. Com isso acabamos por nos tornar dependentes de um Outro, que com o seu olhar nos certifica a existência.

Diante disso, percebe-se a todo instante um exarcebado culto ao corpo, e como diz Kehl (2004), o corpo que mostramos e exibimos é o que vai nos apresentar diante do olhar do Outro, portanto, deve estar bem cuidado para que possa agradar esse Outro, o qual consideramos tão importante. Para Costa (2004), este olhar também pode ser provocador dos nossos temores, pois ao mesmo tempo em que pode glorificar e exaltar, ele pode também nos rejeitar, criticar e menosprezar, e complementa dizendo que “ao mesmo tempo em que venera seu torturador-perseguidor, se sente assombrado por sua presença onipotente e onipresente.” (COSTA, 2004, p.81).

E este olhar ambíguo de admiração e recriminação do Outro, faz com que o sujeito busque se adequar aos padrões da moda, visto que, é dessa forma que ele irá fantasiar a idéia de que será sempre aceito, e principalmente, terá de volta aquele olhar que foi perdido na sua infância, e assim preservará o seu narcisismo.

Kehl (2004) fala ainda que muitas pessoas acabam deslocando seus conflitos através da idéia errônea de que se transformarem seus corpos com piercings, tatuagens, plásticas, mudanças químicas no metabolismo, transformações dermatológicas, odontológicas e adornos, suas angústias estariam resolvidas, os impedindo de terem a percepção de que estão, na realidade aprisionando-se cada vez mais. Enganam-se ao ignorar seu próprio inconsciente, dando exclusivo crédito ao corpo, como se este lhes fosse suficiente.

Essas técnicas de modificação dos corpos acabam por atingir o imaginário do sujeito, no sentido de que o mesmo estará com um objetivo a ser conquistado: o de transformação corporal. Portinari (2000) aponta para o fato de que no passado as práticas que atingiam o corpo eram referentes à preservação estando relacionadas à saúde, higiene, purificação enquanto que na atualidade os corpos se movimentam em direção à mudança da própria imagem.

Entra em questão o fato de que quando as pessoas buscam essas técnicas, elas fantasiam o fato de que podem alcançar o seu ideal de corpo. Esse corpo da fantasia, que em um primeiro momento é encarado como um objeto externo é tomado para si, transformando-se no corpo do sujeito, sendo que tais modificações nunca vão ser concluídas e sempre estarão sujeitas a novas adaptações. Esse processo de apropriação do corpo vai englobar sempre o abandono de objetos e a incorporação dos mesmos como as roupas, os adereços, as próteses que se fixam como prolongamento do seu corpo e deixando-os de lado assim que a moda passa.

Para Kristeva (2002), essa indiferença e descaso do sujeito ocorrem sem nem ao menos se dar conta disso, já que suas angústias somatizam-se, revelam-se no corpo ou mesmo são camufladas pelas mudanças dos seus reais desejos em fantasias em torno desses ideais corporais e de moda estabelecidos previamente.

Com os avanços científicos, as pessoas puderam ter a oportunidade de buscar a perfeição tão almejada desde a antiguidade, porém, a perfeição dos nossos tempos está intimamente ligada ao externo, aos atributos físicos, a carne além da alma. Mas essa conquista ultrapassou os limites da medicina e atingiu a arte, isto quer dizer que as manipulações corporais já não são objeto apenas dos anatomistas e cirurgiões plásticos, mas também das pessoas em geral, pois existem dois casos bastante peculiares e inovadores que podem ratificar esta nova concepção.

De acordo com Falbo (2005), Orlan é uma artista plástica francesa, ao qual usa de seu próprio corpo como sua arte, na medida em que a mesma passa por diversas operações plásticas, e em cada uma utiliza um traço significativo de alguma mulher marcante da história da arte. Assim, ela documenta todo o processo de transformação, visto que, a artista não se preocupa com o resultado, mas sim, com todo o procedimento da cirurgia, e claro, com a exposição do seu corpo para o público, se submetendo à tais cirurgias e se olhando à distância como se não fosse ela. A sua intenção é então romper com as idéias concretas de que nosso corpo é fixo e imutável, e principalmente, que o nosso corpo não pode definir quem somos.

Para Abreu, Armênio, Breyton, Francisquetti, Puliti (2002, p. 69)), Orlan:

Toma sua carne como argila, o sangue como tinta, os escritos psicanalíticos como recitais e as mãos dos médicos como operadores. Ela é artista, com um projeto, um conceito, um público, um impulso, e olhos arregalados. Estes são os pincéis para este quadro contemporâneo, com os quais persegue as moradas da identidade. Orlan não está só. Na arte e na clínica, várias figuras se interrogam: o que podemos ser se nossos corpo deixam de ser o que são?

É a partir desse tipo de questionamento que as pessoas vão mudando seus corpos, com o intuito de que dessa forma estão mudando sua identidade, como se fôssemos o que mostramos, como se o corpo biológico definisse nosso Eu.

Isso é bem verdade, pois, se pensarmos em Monalisa, pintura que fez Leonardo da Vinci conhecido, lembramos do seu sorriso singelo e provocador, ou então, ao pensarmos em Cleópatra, lembramos de seus cabelos negros e curtos e sua beleza única e irresistível. Desta forma, confirmamos mais uma vez o quanto nos prendemos em detalhes físicos para definirmos uma pessoa.

Melman (2003) traz um outro exemplo um pouco diferente do anterior, mas que trata do mesmo assunto, o corpo como arte. Trata-se de uma exposição anatômica que ocorreu em Bruxelas com o título “Körper-welten, o fascínio do autêntico”, realizado nos abatedouros. A obra é de um anatomista, Dr. Gunther Von Hagens, e consiste em uma técnica em que tecidos e cadáveres são banhados na acetona com o intuito de retirar a água das células e substituir por resinas-epóxi, protegendo assim do apodrecimento. Nesta exposição, retiravam-se as peles dos cadáveres e deixava a mostra seus órgãos, músculos, ossos, e todos em posições do cotidiano, como por exemplo, um cadáver jogando xadrez, ou outro montando em um cavalo. Mas a obra mais polêmica é a de uma mulher grávida dissecada, com o feto a mostra. Falbo (2005) complementa ao falar que as pessoas que visitavam essa exposição, tinham a oportunidade de preencher uma ficha de doação, na qual, qualquer pessoa poderá como diz Gunther “consagrar seu corpo à ciência”.

Isso nos faz pensar no quanto as pessoas se preocupam com o corpo, posto que as mesmas estão querendo se conservar para a eternidade, ignorando até um fenômeno natural que é a morte.

Existem também aquelas pessoas que não aderem à moda, e passam a criar seu próprio estilo, suas próprias escolhas e vontades, tentando romper com o que hoje é o aceito pela maioria, e buscando assim uma identidade neutra, sem as influências do externo.

Percebe-se então que vivemos em uma época de contradições, no que diz respeito às nossas escolhas, posto que, hoje não há mais uma obrigação das pessoas em se trajarem de acordo com a

classe social que fazem parte como ocorria na idade média. Porém, a moda dita as regras, dita as tendências, e dita o que devemos escolher.

Para Dias (1997), muitas pessoas consideram a moda fútil, desnecessária, porém, isso não significa que tais sujeitos não a levem em consideração. Existe uma recusa, mas que se faz presente por algum motivo, maior do que simplesmente um “não querer”; é algo inconsciente, que estará relacionado à própria constituição do sujeito. E como complementa Chemama (1995, p. 48):

A psicanálise leva a pôr em destaque não uma subjetividade, mas um assujeitamento, o qual entendemos como aquilo que pode determinar um sujeito, produzi-lo, causá-lo: sua história e, mais precisamente, a história de um dizer, aquilo que, depois de seu nascimento, não cessa de acompanhá-lo e de orientar sua vida, em um “tu és isso” sem escapatória.

Chnaiderman (1990) cita Michael Jackson ao fazer um questionamento sobre a existência de um novo sexo. O mesmo não pode ser visto como um transexual, pois mesmo fazendo tantas cirurgias plásticas e utilizando outras técnicas de transformações corporais não podemos afirmar que buscou com isso alcançar formas de uma mulher. Michael inventou, modificou seu corpo até onde pôde como se realmente estivesse na busca de um novo sexo, indo além do que é masculino ou feminino.

As tatuagens também são exemplos dessas manipulações corporais, as quais a quantidade de pessoas que vêm se submetendo tem tomado proporções disseminadas, mesmo ainda havendo uma carga significativa de preconceito em relação as mesmas. Sabe-se que elas vêm ganhando mais espaço em virtude da propaganda, da tão intensa já citada sociedade consumista que valoriza o estético. São desenhos, símbolos, frases marcadas para sempre no corpo como mais uma forma de expressão, buscando atingir e provocar o Olhar do Outro.

## **6. AFINAL, O QUE ESTÁ NA MODA?**

Quero romper com meu corpo, quero  
enfrentá-lo, acusá-lo por abolir minha  
essência, mas ele sequer me escuta e  
vai pelo rumo oposto.

Drummond de Andrade

In: As contradições do corpo

Que lugar ocupa o corpo no mundo atual? Que poder exerce o Outro, sobre este corpo que se submete à moda para conquistar seu lugar no espelho da sociedade? É ao palco da cultura da forma que o corpo se rende. Esculpir o corpo, nos dias de hoje, tornou-se condição “sine-qua-non” para poder se apresentar à sociedade.

A partir do que foi exposto nos capítulos anteriores, podemos agora nos remeter ao nosso problema de pesquisa: Qual a relação existente entre o olhar do Outro e a forma como o sujeito submete seu corpo à moda?

A importância atribuída ao olhar do Outro tem sido muito presente, e as pessoas parecem não mais medir esforços na busca da obtenção de tal olhar. Se pensarmos nas manipulações corporais, tatuagens e *piercings*, por exemplo, veremos que o sujeito transforma o seu corpo, passando muitas vezes por procedimentos dolorosos, na busca de um ideal narcísico estipulado pela moda. Nota-se então, que o mesmo goza a todo o momento para conseguir atingir este ideal, enchendo seu corpo de traços – seja com furos ou desenhos – para que assim obtenha o objeto perdido de volta, que é o olhar. Desta forma, a imagem corporal fascina, cativa, atrai o outro para olhar o seu corpo, preenchendo assim o vazio deixado na infância. Mesmo nos casos em que o sujeito não segue os padrões estipulados pela moda, ele está inconscientemente buscando o objeto perdido (objeto *a*), ou seja, o olhar do Outro.

Deste modo, o sujeito se transforma em um alienado em sua própria imagem, ou até mesmo, se relacionarmos com o tema abordado em questão, ele se fixa na contemplação do seu corpo, que tem sido objeto da moda, e o sujeito passa a idealizá-lo de acordo com os ideais impostos pelo externo.

A mídia ampliou o campo da moda e fez com que ela se universalizasse. A moda possui uma característica cotidiana e uma utilização disseminada. O que é falado em casa, no trabalho e principalmente na mídia, é a estética – abrangendo nesse termo todas as diversas formas de obter uma mudança física – e isso ocorre de fato, porque o assunto se popularizou e condensou-se como tratado para as pessoas.

Pensamos também que a relação instável do sujeito com sua própria imagem, demonstrada por Lacan desde o Estádio do Espelho, o induz a querer restaurar o seu corpo - corpo este tido como objeto de perfeição para os pais na infância – manipulando-o de diversas formas, fazendo uso das tatuagens, *piercings*, roupas, maquiagens, cirurgias plásticas.

O fato de poder ir em busca de um “corpo ideal”, através das já citadas técnicas que estão hoje no mercado, demonstra um desvio no eixo do discurso da moda. Se na antiguidade, fazia-se uso dos espartilhos para modelar os corpos, hoje as cirurgias plásticas tentam dar conta desse corpo que almeja atingir um ideal. Se antes, a condição para o homem ser capaz de cuidar da pólis era ter responsabilidade tanto com o corpo como a mente, agora o corpo tão propalado é

objeto de investimento narcísico, e exhibe ao palco do espetáculo, um “troféu” pelo resultado conquistado. Se antes, a valorização era na pureza da mulher, no fato de esconder seu corpo, agora a moda dita que parte do corpo pode ser mostrada. Se antes, a beleza era tida como um fenômeno natural, podemos pensar atualmente nas manipulações no corpo como algo natural, tendo em vista a busca pelo belo?

E ainda, nos desfiles de moda, é dado mais atenção aos defeitos e qualidades físicas das modelos que estão nas passarelas, do que para as próprias roupas que estão expostas nos desfiles.

Considerando o fato de que a moda não tem mais como alvo apenas a criação da vestimenta, mas o corpo, belo, admirado, glorificado, recortado, encerramos a discussão do nosso trabalho com um questionamento: o que está na moda é o corpo?

### **Notas**

<sup>1</sup> Trecho retirado do livro *Moda Divina Decadência*, de Mauro Mendes Dias, p. 10.

<sup>2</sup> Conto retirado do livro *Moda Divina Decadência* de Mauro Mendes Dias.

<sup>3</sup> Lilith foi criada por Deus, para ser a primeira mulher de Adão. Ela é vista como uma prostituta rebelde, pelo fato de não ter aceitado ser submissa à Adão

## REFERÊNCIAS

ABREU, J. C. G.; ARMENIO, E.; BREYTON, D. M.; FRANCISQUETI, P. P.; PULITI, R. O corpo: campo de batalha contemporâneo. In: ALONSO, S. L.; BREYTON, D. M.; GURFINKEL, A. C. (Org). **Figuras Clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo**. São Paulo: Escuta, 2002.

ASSUMPÇÃO JR, F. S. Questão da beleza ao longo do tempo. In: BUSSE, S. R. **Anorexia, bulimia e obesidade**. Barueri,SP: Manoll, 2004.

CHEMAMA, R. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

CHNAIDERMAN, M. Um novo sexo? In: ROPA, D.; MAURANO, D. (Org) **Agenda de psicanálise – o corpo na psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1990, p.11-12.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

COUTINHO JORGE, M. A. **Fundamentos de Psicanálise de Freud a Lacan**. 3.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, n.1. 2002. v.1.

DIAS, M. M. **Moda divina decadência: ensaio psicanalítico**. São Paulo: Cespuc, 1997.

FALBO, G. O corpo na arte e na ciência: uma reflexão psicanalítica. **Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro Trieb**. Rio de Janeiro, 2005. v. IV.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a sexualidade (1905). In:\_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. VII.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In:\_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro:Imago, 1980. v. XIV.



FREUD, S. Pulsões e suas Vicissitudes (1915). In:\_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XIV.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In:\_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v.XVIII

FREUD, S. Psicologia de Grupo e Análise de Eu (1921). In:\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980 , v. XVIII.

FREUD, S. O Eu e o Id (1923). In:\_\_\_\_\_. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XIX.

FREUD, S. A dissolução do Complexo de Édipo (1924). In:\_\_\_\_\_. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1980, v. XVIII.

FONTINHA, Rodrigo. **Novo Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Revisto por Joaquim Ferreira. Porto: Domingos Barreira, [19--].

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001

GARCIA-ROZA, L. A. **O mal radical em Freud**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.

GÓES, C. O corpo da Psicanálise no território de Deus e d a História. In: THEML, N; BUSTAMANTE, R. M. C; LESSA, F. S. (Org). **Olhares do corpo**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

HANNS, L. A. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HORNSTEIN, L. **Introdução à Psicanálise**. São Paulo: Escuta, 1989.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**: o legado de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.

KEHL, M. R. Com que corpo eu vou? In: BUCCI, E. ; KEHL, M.R. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004. p.

KEHL, M. R. Visibilidade e espetáculo. In: BUCCI, E. ; KEHL, M.R. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004. p.

KRISTEVA, J. **As novas doenças da alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LACAN, J. **Os Escritos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS. **Vocabulário de Psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LESSA, F. S. Corpo e Cidadania em Atenas Clássica. In: THEML, N., BUSTAMANTE, R. M.C., LESSA, F. S. (Org). **Olhares do Corpo**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

LEVIN, E. **A clínica psicomotora: o corpo na linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LIONÇO, T. Um exemplo de pesquisa sobre “pesquisa em psicanálise”. **Pulsional, Revista de Psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2002, n.154, p. 35-39.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seus destinos nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MELMAN, C. **O homem sem gravidade: Gozar a qualquer preço**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

MIELI, P. **Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos**. Rio de Janeiro: Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, 2002.

NASIO, J. D. **Cinco Lições sobre a teoria de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1989.

NASIO, J. D. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

PORTINARI, D. B. A invasão dos belos corpos. In: **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro: Centro de teologia e ciências humanas, 2000, n.2, 12 vol. p. 125-138.

SANTAELLA, L. **Corpo e Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2004.

SOUZA, A. M. O corpo em psicanálise. In: ROPA, D. ; MAURANO, D. (Org) **Agenda de psicanálise – o corpo na psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1990, p.11-12.

VILLAÇA, N. ; GÓES, F. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

VIOLANTE, M. L. V. **A criança mal-amada**. Petrópolis: Vozes, 1994.

VIOLANTE, M. L. V. **Ensaio Freudiano em torno da Psicosexualidade**. São Paulo: Lettera, 2004.

---